

Partir em missão, minha grande alegria!

Mônica Guarnieri Machado, médica e missionária leiga na Guiné

1. Como surgiu sua vocação missionária e como foi enviado/a para a missão.

“Lá na praia, eu deixei o meu barco... Junto a ti buscarei outro mar...”. Música: A Barca. Aos 12 anos, ao ouvir esta música tinha a certeza que o Senhor me chamava para segui-LO em outros mares... Meu nome é Mônica Guarnieri Machado, 41 anos, médica, solteira, nascida em Botucatu, criada em Itapetininga, interior de São Paulo, católica praticante, participante há 10 anos da Comunidade Emanuel, comunidade esta que busca viver a Adoração, Compaixão e Evangelização, vivendo a complementaridade dos estados de vida (leigos casados ou solteiros, padres e leigos consagrados vivem como irmãos, com um grupo de partilha semanal e trabalham juntos pela evangelização).

Acredito realmente que, de alguma forma, o desejo de ser missionária sempre existiu em meu coração, lembro-me do dia em que preenchi a ficha de inscrição para o vestibular, quando ouvi alguém dizer: “Quero ser médica-missionária”, pensei: “É isso que quero também...”, tinha 16 anos. O desejo permaneceu. E Deus é fiel! Ele não se esquece... Acabou encontrando um jeito de concretizar o meu sonho... Tentei inscrever-me no Projeto Rondon, que infelizmente deixou de existir exatamente quando seria possível nele ingressar. Quando terminei a especialização em Pediatria procurei a Arquidiocese de São Paulo me disponibilizando como pediatra, solteira, católica, disposta a participar de projetos sociais... Busquei junto ao Ministério da Saúde, com o mesmo objetivo e nada existia. Procurei a Cáritas, e nada... “Para leigos, eu não conheço nada” era o que ouvia sempre.

Conheci a FIDESCO, ONG criada pela Comunidade Emanuel com o objetivo de enviar leigos em projetos de cooperação internacional, como lema: “Colocar a sua competência profissional a serviço dos que mais precisam”. Descobri assim que existiam outros que nutriam o mesmo desejo que eu e já viviam essa graça: a graça da missão! Esse privilégio! Essa honra! Essa escolha! Trabalhei na sede durante o tempo em que morei em Paris e pude conhecer melhor a forma de organizar, a estrutura da ONG. Fiz uma formação missionária em Roma no ano de 2000, voltei ao Brasil, organizei melhor a minha vida e então pude partir em 2005 para a Guiné através dessa organização.

Ofereceram-me, a princípio um projeto na Ruanda, para trabalhar com AIDS pediátrico. Infelizmente era um projeto muito caro, não foi possível a sua concretização. Um outro projeto me foi oferecido de construção de uma Unidade de Saúde numa região muito carente nos Camarões, ao lado de uma enfermeira que já havia sido “missionária pela Fidesco” quando solteira, e, agora gostaria de partir em família: com o marido e seus três filhos! (É muito comum o envio de famílias nesta organização. Vi famílias partindo com 5 filhos, 4, 3... Junto comigo, na Guiné, estava um casal que partiu um bebê de 6 meses!). Esse projeto também não conseguiu sair do papel! A FIDESCO funciona assim: recebe a solicitação de profissionais através dos

bispos locais, para auxiliar em projetos sociais já existentes (a iniciativa sempre é local, das pessoas que vivem e bem conhecem a realidade...) e solicitam assim uma ajuda, um profissional que vem por um tempo limitado, geralmente 2 anos, dá a sua contribuição, e aprende muito mais (sempre recebemos muito mais do que damos!). A FIDESCO faz assim o “casamento” entre a pessoa e o projeto que melhor corresponde às suas competências e anseios. Proporciona uma formação missionária, envio e acompanhamento do missionário durante o tempo de missão. Possuímos cobertura completa de seguro saúde, uma ajuda de custo que nos permite viver com dignidade e recebemos a visita de alguém da FIDESCO 2 vezes por ano.

Para ser missionário é preciso um coração aberto para amar e ser amado! Através do amor é que a obra de Deus se realiza!

Muita flexibilidade, desejo de compreender o outro como ele é. Possibilidade de maravilhar-se! De contemplar a obra de Deus na diversidade... E humildade para aprender! Sair da arrogância, da pretensão de pensar que temos algo a “dar”, como se isso caracterizasse uma superioridade... Temos todos muito a dar sim, mas muito mais a receber do outro... O encontro com outra cultura é uma oportunidade ímpar de aprendizado!

2. Descrição da situação social, política, cultural e religiosa do povo que o/a recebeu.

A Guiné é um dos países mais pobres do mundo, uma antiga colônia da França, tornou-se independente na década de 1950 e desde então vem sendo muito mal administrada. Precária distribuição de água e eletricidade: Não tínhamos nada de água durante 16 meses, apenas nos últimos meses passamos a receber água 2 vezes por semana, o que nos permitia encher os galões de água em casa mesmo, nos poupando o trabalho de carregá-lo. E a luz elétrica recebíamos em das 19 às 7 e das 24 às 7 alternativamente.

Conacri é a capital da República da Guiné, uma cidade com 1 milhão e meio de pessoas, que vivem em condições sub-humanas: O esgoto é a céu aberto, na cidade toda não existe NENHUM semáforo (ou farol), o trânsito é uma bagunça! A quantidade de pessoas na rua é enorme, as casas são muito pequenas e muito quentes, a vida acontece na rua! (a maioria das ruas é de terra, inclusive a minha). As mulheres sempre com roupas muito coloridas carregando seus filhos em panos amarrados nas costas. É impressionante a quantidade de crianças! As famílias são enormes! Praticamente não existem praias, apesar de Conacri ser à beira mar, tudo é muito sujo! Aliás acho que a coisa que mais me impressionou foi a sujeira! Impressionante como se possa viver assim!

80 % da população é muçulmana, a poligamia é natural. Como me dizia Binta, uma costureira amiga, nossa vizinha: “É obrigatório, a gente tem que aceitar!” e ela me conta um pouco da sua história... A relação com o seu marido nunca mais foi a mesma depois que ele arrumou a segunda esposa, sua “co-esposa”. Eles moram todos na mesma casa, cada esposa tem o seu quarto onde dorme com seus filhos. Binta dorme com seus 7 filhos.

As crianças gritam: *Fote! Fote!* (que em sussu, o dialeto local, significa: Branco! Branco!) e chegam perto para passar a mão no cabelo, tocar a pele branca... Não existe

muito roubo nem violência, apesar de toda a pobreza... Vocês não imaginam o escândalo feito por uma das auxiliares de enfermagem porque sumiu a sua carteira enquanto fazia o curativo em um preso. Na prisão, deixou a carteira do lado e não queria que sumisse! Ficou indignadíssima! Eu como boa brasileira e “quase paulistana” dizia: “E... vá... Nem tinha tanto dinheiro assim... Vamos embora!” Mas que nada, ela ficou lá até que entregassem a sua carteira! Fiquei impressionada! Foi então que percebi o quanto a santa indignação ainda faz parte desta cultura! É inadmissível um roubo! Era uma questão de princípio... Ela não poderia aceitar com naturalidade e simplesmente ir embora como eu havia proposto... Ela precisava mostrar a eles que isso não se faz! Que eles precisam ter uma postura diferente! Dá para imaginar? É assim que funcionam as coisas na Guiné!

É difícil colocar tanta vida no papel! O que aqui escrevo é sempre no intuito de partilhar com vocês essa maravilhosa experiência de vida!

Profissionalmente o que mais me realizou foi a possibilidade de colocar em prática alguns projetos para a Recuperação Nutricional das crianças desnutridas e a possibilidade de contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento prestado pelo Centro de Saúde à população local. A desnutrição infantil é o problema prioritário na pediatria: 50% das crianças possuem algum grau de desnutrição. Muitas com desnutrição grave, cheguei a ver crianças com 1 ano pesando 2.700 gramas. Da pra imaginar?

Dediquei-me assim procurar dons junto à ONGs, estabelecer parcerias que possibilitassem a ampliação do trabalho: distribuir alimentos ricos em proteínas, vitaminas, medicamentos. Trabalhar pela vida é um privilégio! A glória de Deus é a vida do homem!

No primeiro ano faziam parte da equipe: 6 franceses e eu. Eu era assim 2 vezes estrangeira: numa equipe de franceses, prestando serviços na África. Difícil, mas muito rico. Valeu a pena! É preciso manter o coração aberto para amar e ser amado! Através do amor é que a obra de Deus se realiza! Para a vida comunitária, a inserção numa outra cultura é preciso acolher o outro sem julgar, com muita flexibilidade, desejo de compreender o outro como ele é. Possibilidade de maravilhar-se! De contemplar a obra de Deus na diversidade... E humildade para aprender! Sair da arrogância, da pretensão de pensar que temos algo a “dar”, como se isso caracterizasse uma superioridade... Temos todos muito a dar sim, mas muito mais a receber do outro... O encontro com outra cultura é uma oportunidade ímpar de aprendizado!

Vivi muitos momentos difíceis. Lembro-me com muita clareza da primeira criança que vi morrendo... Foi um momento difícil... Não ter o material necessário para bem assisti-la... Saber o que poderia ser feito e não poder fazê-lo... Uma sensação de impotência, de fracasso... Joguei meu estetoscópio no chão! Explodi! Gritei: “Não vim aqui para ver essas crianças morrendo!”. Neste momento lembrei que podia rezar, juntamo-nos em torno dela buscando acompanhá-la na sua entrada nos céus! Pedindo a Maria que a pegasse pela mão. Até hoje peço a intercessão desta e de outras crianças que já estão no face-a-face com o Pai, que me ajudem nos diagnósticos, que intercedam por mim junto a Deus, ajudando-me a bem cuidar das crianças que me são hoje confiadas! Acredito que possuo assim “anjos da guarda suplementares”... Tenho vários “anjinhos” que me acompanham nesta missão que não acaba nunca... Que sempre continua!

3. Descrição da missão e seu significado para sua vida pessoal.

Tive a oportunidade de viver uma das experiências mais significativas da minha vida: ser missionária leiga na Guiné! Os dois melhores anos da minha vida!

Quando falo assim meus amigos me perguntam: Mas como, foi assim tão bom? Mas você não tinha que tomar banho de canequinha? E a energia elétrica? Não era tudo muito sujo? Ratos e baratas para todos os lados! Lagartos caminhando em todos os lados?

Nossa felicidade não depende mesmo de bens materiais, nem mesmo de conforto! É verdade, não tínhamos água encanada, o que nos obrigava a encher galões de água no Centro de Saúde onde trabalhávamos e carregá-los para o uso doméstico. Luz elétrica só recebíamos em dias alternados: eles faziam um esquema de rodízio, chegamos a ficar 6 meses sem nada de luz elétrica, por causa de problemas no transformador da nossa região...

A pobreza é imensa! Passam fome! Comem uma vez por dia somente! No Brasil, trabalhei como pediatra na periferia de São Paulo e Diadema durante 10 anos, conheço nossas comunidades carentes... Mas nada se compara! Um nível de pobreza que, Graças a Deus, não existe mais em nosso país.

Tudo está ainda por ser feito... Não existe saúde pública: Tudo é pago! Se uma pessoa está com apendicite, mas não tem o dinheiro para pagar, morre nos corredores do hospital! Vi uma família que demorou para se mobilizar e conseguir o dinheiro necessário para pagar a cesariana: mãe e filho morreram!

A gente aprende a valorizar o que tem! Há muito o que melhorar no nosso país, sem dúvida, mas: Já possuímos conquistas que precisam ser valorizadas! Até mesmo como forma de incentivo para continuarmos a caminhada, lutando pela melhoria da qualidade de vida de TODOS os brasileiros. Porém, além de olharmos para a nossa realidade e buscarmos a solução dos nossos problemas, precisamos olhar para o mundo, descobrir as dificuldades que os outros países enfrentam, é nessa entre-ajuda que cresceremos todos juntos! Estou absolutamente convencida que temos um papel a cumprir na Comunidade Internacional! Somos o maior país católico do mundo e precisamos compartilhar essa graça de conhecer Jesus com milhões de seres humanos que nunca ouviram falar de Jesus e provavelmente não o farão, se não formos nós a anunciar! É preciso desenvolver esse espírito missionário! Somos chamados a sermos discípulos missionários de Jesus, como bem nos diz o Documento de Aparecida.

Ser missionário é uma graça imensa! Um enorme privilégio! Uma honra! Servir, colocar nossas competências profissionais a serviço dos que mais precisam é fonte de uma profunda realização, uma alegria sem fim. Deus não se deixa vencer em generosidade: quanto mais damos, mais Ele nos plenifica com seu amor! Eis aí a chave do sucesso, o fim da depressão, o encontro do sentido de nossas vidas: o DOM!

Partir para um outro país, conhecer uma outra cultura nos proporciona um crescimento incrível! Sobretudo na Guiné, país onde a população é majoritariamente muçulmana (85%), um dos países mais pobres do mundo, segundo o relatório da ONU, com carências em todos os níveis. A poligamia é permitida: cada homem pode ter até 4 mulheres! Uma outra organização social, um papel social diferente. Um outro mundo! Tinha a impressão de estar muito mais longe do que simplesmente do outro lado do Atlântico!

4. Significado de sua experiência missionária para a Igreja que o/a recebeu e para a sua Igreja de origem, a do Brasil.

Tenho sentido uma repercussão muito interessante! Muitos querem ouvir e saber o que vivi, conhecer a realidade. Uma curiosidade! Um país acostumado a se ver como terra de missão começa a acordar e perceber que talvez tenha um papel frente ao mundo... É apenas o início do processo... Sinto-me chamada a contribuir neste despertar do espírito missionário, é este o meu intuito em cada lugar que sou chamada a testemunhar. Os convites são muitos.

5. A partir de sua experiência missionária, o que a Igreja do Brasil deveria fazer para tornar efetiva aquela “conversão missionária” da qual o Documento de Aparecida fala (DA 365 – 372)?

Como diz o próprio documento no n. 367: “Uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais” se faz necessária.

Estar atentos às necessidades do mundo, buscar formas criativas de responder a elas, abrir-se para novas realidades, promover o intercâmbio cultural no intuito de suscitar o desejo de partir um missão de seus jovens.

Evangelizar, buscar formas mais adaptadas ao mundo atual de anunciar a Palavra de Deus dentro da nossa realidade, comprometer-se com paróquias em outros países (e não apenas no Norte e Nordeste) buscando promovê-las.

Atitude de abertura, diálogo com a Ciência e com outras religiões, buscando aplicações pastorais e soluções reais aos problemas do mundo à luz do Evangelho, sem esquivar-se.

Suscitar um novo ardor missionário, indo ao encontro dos mais necessitados, dos mais afastados e trazendo-os para o convívio da comunidade paroquial.